

Marx e o Marxismo 2015: Insurreições, passado e presente

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 24/08/2015 a 28/08/2015



TÍTULO DO TRABALHO			
IDEOLOGIA E COTIDIANIDADE			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Ana Selva Castelo Branco Albinati	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais	Pucminas	Professora
RESUMO (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>A concepção lukacsiana da ideologia como instrumento de conscientização e resolução de conflitos de todas as ordens encontra no terreno da vida cotidiana a sua mediação, uma vez que a produção ideal apenas pode se constituir como momento impulsionador de uma dada alienação (<i>Entäusserung</i>) na medida em que essa vida cotidiana a absorver enquanto orientação efetiva.</p> <p>Tal relação é trabalhada por Lukács quando do exame dos estranhamentos (<i>Entfremdungen</i>) e da possibilidade de seu enfrentamento por parte dos indivíduos em sua cotidianidade.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ 3)			
Ontologia do ser social, ideologia, cotidianidade			
ABSTRACT (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>The lukacsian notion of ideology as instrument of sensibilisation and all-order conflict resolution finds in the everyday life its mediation, since the production of ideas can only be constructed as propelling moment of a given alienation (<i>Entäusserung</i>) in that this everyday life absorves ideology as effective orientation.</p> <p>Such relation is developed by Lukács through the examination of estrangements (<i>Entfremdungen</i>) and possibilities of its confronting by individuals in its everydayness.</p>			
KEYWORDS (ATÉ 3)			
Social being ontology, ideology, everydayness			
EIXO TEMÁTICO			
Ciência, filosofia e ideologia: estranhamento ou emancipação			

IDEOLOGIA E COTIDIANIDADE

A concepção lukacsiana da ideologia como instrumento de conscientização e resolução de conflitos de todas as ordens encontra no terreno da vida cotidiana a sua mediação, uma vez que a produção ideal apenas pode se constituir como momento ideal impulsionador de uma dada alienação (*Entäusserung*) na medida em que essa vida cotidiana a absorver enquanto orientação efetiva.

Tal relação é trabalhada por Lukács quando do exame dos estranhamentos e da possibilidade de seu enfrentamento por parte dos indivíduos em sua cotidianidade. O autor busca esclarecer o lugar da ideologia nos conflitos cotidianos entre o atendimento às particularidades mais imediatas do indivíduo, exposto à parcialidade das expressões fenomênicas do processo de desenvolvimento social, e a emergência, em dadas condições, da possibilidade de transcendência rumo a uma individualidade não mais meramente particular.

Em suas palavras:

Enquanto não forem desvendadas as inter-relações entre as ideologias (inclusive as mais elevadas e as mais ricas) e a ontologia do cotidiano, a saber, a elevação do modo de dirimir os conflitos a partir do cotidiano e simultaneamente o ingresso e a dissolução das ideologias nele, tanto a continuidade do desenvolvimento da humanidade como o caráter de suas crises parecerão inexplicáveis. (LUKÁCS, 2013, p.561-62)

Ele retoma nessa passagem da *Ontologia* a imagem já formulada na *Estética* do cotidiano como um rio do qual derivam as questões que retornam sistematizadas como afluentes desse mesmo rio, e que dessa forma elaboradas, podem vir a servir como orientação para as ações individuais.

Em outras palavras, uma vez estabelecido o caráter onto-prático que define a ideologia, qual seja, a sua função social de orientar decisões frente a um impasse na vida prática, tem-se que o foco do autor se dirige para o impacto possível das ideologias nas decisões que envolvem fundamentalmente a questão dos estranhamentos presentes no cotidiano.

Se a preocupação com a vida cotidiana é uma inquietação que perpassa a obra lukácsiana, tal inquietação se apresenta de formas diferenciadas ao longo de sua trajetória.

No primeiro momento de sua produção, a questão se encontra marcada por uma inconciliabilidade entre vida cotidiana e a esfera dos valores tomados abstratamente, um abismo entre a vivência ordinária e o imperativo ético de caráter formal e apriorístico.

O momento após a adesão ao marxismo se caracteriza, em clara contraposição a esse período inicial, por uma tentativa de explicitação dos nexos reais da vida social, das relações entre a vida prática cotidiana e o conjunto das expressões ideais que a tornam inteligível, incluindo a esfera normativa moral.

Nessa nova perspectiva teórica, o problema do estranhamento, enquanto uma espécie de mal-estar inarredável que contrapõe indivíduo e forma social, é reposto na sua forma plural, qual seja, o problema dos estranhamentos, das várias interdições que se colocam objetivamente como empecilhos no desenvolvimento individual em virtude de uma dada forma de sociabilidade. Trata-se de compreender a origem social dos estranhamentos e seus efeitos sobre o processo de individuação.

Na última década de vida do autor, o seu esforço se concentrou na elucidação desse processo de constituição da individualidade como individualidade social, ou seja, individualidade implicada nos processos sociais que pressupõem estranhamentos. Mais especificamente, essa questão passa a se vincular à problemática da manipulação no momento histórico denominado pelo autor como “capitalismo manipulatório”.

De forma sintética, temos que a angulação do problema, tal como colocado por Lukács, alinha a análise do complexo objetivação-alienação-estranhamento com a análise da ideologia e com uma perspectiva ética que se fundamenta sobre a possibilidade do enfrentamento dos estranhamentos, o que também se pode traduzir pela possibilidade de uma convergência entre desenvolvimento histórico-social e desenvolvimento individual.

Embora não possamos reconstituir nesse momento o desenvolvimento desse conjunto de questões, nos referiremos brevemente à análise do processo objetivação-alienação-estranhamento.

O autor dirá da relação entre objetivação e alienação como um processo unitário, no qual, “na objetivação, o homem produz algo prático”, “ao passo que o aspecto da alienação no mesmo ato indica que este foi posto em movimento por um homem singular e expressa e influencia positiva ou negativamente o seu desdobramento individual.” (LUKÁCS, 2013, p. 536)

A unidade do par categorial objetivação-alienação atua no sentido de uma crescente socialização do mundo humano:

Sua essência reside em que a relação “sujeito-objeto”, que em si é unitária e que está na base da unidade daquele ato, ocasiona na objetivação uma mudança do mundo objetivo na direção de sua socialização, ao passo que a alienação promove o desenvolvimento do sujeito na mesma direção. (LUKÁCS, 2013, p. 425)

Por outro lado, Lukács distingue alienação e estranhamento, na medida em que o segundo, embora se derive do primeiro, não tem que existir necessariamente, ao contrário da unitariedade do par objetivação-alienação.

Sem entrar no mérito da distinção entre esses conceitos (*Entäusserung* e *Entfremdung*), encontramos a definição que o autor dá ao estranhamento:

O desenvolvimento das forças produtivas é necessariamente ao mesmo tempo o desenvolvimento das capacidades humanas. Contudo – e nesse ponto o problema do estranhamento vem concretamente à luz do dia -, o desenvolvimento das capacidades humanas não acarreta necessariamente um desenvolvimento da personalidade humana. (LUKÁCS, 2013, p.581)

Na *Ontologia*, a análise do estranhamento é referida à pré-história da humanidade, na qual o desenvolvimento sócio-econômico dispõe as condições do desenvolvimento genérico dos indivíduos entre si, processo acelerado, sobretudo, pela necessidade do mercado mundial, mas tal generidade permanece de forma inconsciente, constituindo uma generidade em si.

A questão ética essencial na perspectiva lukácsiana é a possibilidade da transcendência individual frente à espontaneidade da vida cotidiana, marcada pela inconsciência do processo dúplice de construção de si e do gênero, à consciência que caracterizaria o gênero para si. A sua intenção era trazer à tona

a verdade mais profunda do marxismo: tornar-se homem do homem como conteúdo do processo histórico, que se efetiva – de modo muito variado – em cada vida humana singular. Assim, cada homem – não importa com que grau de consciência – é um fator ativo no processo total, cujo produto ele é ao mesmo tempo: aproximação da generidade na vida individual é a real convergência de ambos os caminhos evolutivos reais inseparáveis. (LUKÁCS, 1999, p.170)

Desentranhar essa possibilidade nos contornos de uma ontologia do ser social é a tarefa a que Lukács se propõe e que recebe seus lineamentos mais consequentes no capítulo sobre os estranhamentos em *Para uma ontologia do ser social*.

A questão fundamental a se reconhecer é o estranhamento como um fenômeno social, que tem sua origem concreta na esfera da reprodução da vida material, espreado-se de maneira plural em formas específicas que afetam a vida pessoal e obstaculizam o desenvolvimento individual.

Mas, longe de um pessimismo diante de tal fato, o autor reconhece e enfatiza a possibilidade de um enfrentamento individual de tais estranhamentos.

A análise da alienação em *Para uma ontologia do ser social*, que, como se sabe, recebe um tratamento diferente em relação à formulação de Marx nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, fundamenta a postura ética, a resposta do indivíduo na sua cotidianidade, um reposicionamento das individualidades em prol de sua integridade pessoal.

Uma rápida referência à essa questão se torna necessária: Em sua *Estética*, o termo “alienação” começa a receber uma significação própria na seção “A alienação e sua retroação” (*Die Entäusserung und ihrer Rucknahme*), que a distingue substancialmente do termo “estranhamento” (*Entfremdung*). Tal distinção não se verifica, por exemplo, em *O jovem Hegel*.

Na *Estética*, como adverte o autor, trata-se de pensar as questões referentes ao papel da subjetividade na criação artística que, na terminologia hegeliana, “levariam o seguinte título: a alienação e sua retroação ou retroabsorção no sujeito.” (LUKÁCS, 1972, p.223)

Valendo-se da crítica marxiana do caráter especulativo, espiritual, com o qual Hegel pretende superar o estranhamento, e que, ao final, significa a reabsorção da própria objetividade no saber absoluto, Lukács orienta a sua reflexão sobre a alienação no sentido da exteriorização da subjetividade no processo de conformação de um mundo objetivo que retroage sobre essa mesma subjetividade, dando, portanto, um significado distinto aos momentos que formam a processualidade *Entäusserung-Zurücknahme der Entäusserung*.

Esclarece Lukács: “Alienação significa o caminho do sujeito ao mundo objetivo, às vezes até perder-se nele; a retroação ou retroabsorção de uma tal alienação representa, ao contrário, a penetração completa de toda objetividade assim nascida pela qualidade particular do sujeito.” (LUKÁCS, 1972, p.237)

Dessa forma, o autor enfatiza o duplo caráter da atividade humana: o reconhecer e ceder à legalidade do mundo objetivo, dispondo as suas forças interiores em um complexo razoavelmente

conhecido de nexos causais, e ao mesmo tempo, a impressão do caráter individual na objetividade agora posta a partir de uma nova constelação causal, de uma causalidade posta, como o autor desenvolverá em sua *Ontologia*, a propósito do trabalho.

Porém há uma pequena diferença no tratamento da alienação na *Estética* e na *Ontologia*. O termo alienação na *Ontologia* significa a exteriorização individual que deixa seus traços particulares na objetividade por ela posta, aspecto que na *Estética* era indicado pelo momento da retroação, como uma marca da qualidade particular do sujeito impressa no objeto.

Essa sutil diferenciação pode ser expressa da seguinte forma: enquanto na criação estética, alienação e retroabsorção convergem no sentido de unificar objetividade e subjetividade na forma de um “mundo” posto pela individualidade, nas outras esferas da práxis social, esses momentos, pelo fato de não serem convergentes, colocam ao autor a necessidade de um outro sentido da retroabsorção, que passa pela mediação ética, na medida em que se refere à constituição da personalidade autêntica.

Embora a tematização sobre a personalidade e, aliada a esta, a tematização sobre a perspectiva, estejam presentes na *Estética*, e sua ressonância possa ser percebida na *Ontologia*, nesta a categoria da alienação, dada a moldura mais ampla à qual o autor se refere, é confrontada inevitavelmente com o estranhamento.

Dessa forma, a abrangência que sua reflexão alcança na *Ontologia* ultrapassa o marco da esfera estética ao pensar as formas da práxis social nas quais a adequação sujeito-objeto está longe de permitir a alienação no sentido de manifestação das forças interiores e vitais dos indivíduos, tal como se verifica na criação artística.

Podemos pensar esse sutil deslocamento como sendo a passagem de um modo de relação entre o sujeito e o objeto, no qual, no caso da estética, se conjugaria uma intensificação dos dois pólos, e nesse sentido, traduziria uma alienação e sua retroabsorção sem estranhamentos, ao passo que nas outras esferas da práxis tal relação é perpassada pelo estranhamento, e dessa forma, o autor insere um novo sentido à alienação que abre espaço a uma mediação de caráter ético.

Sintomaticamente, na *Ontologia*, o conceito de alienação surge no capítulo sobre a ideologia e não no capítulo sobre o trabalho, onde o complexo unitário alienação e objetivação é tratado sem referência aos termos. É nesse momento de sua reflexão que o sentido acrescido à alienação torna visível a passagem da arquitetônica ontológica do ser social à temática ética.

A tentativa de Lukács parece ser a de assegurar o lugar da ética no interior das determinações da atividade humana como fundamentalmente a possibilidade da transcendência da particularidade rumo à construção consciente do gênero para si:

Embora seja, no fundo, óbvia a permanência do estranhamento como fenômeno social, e que, por isso mesmo, em última análise ele só possa ser superado por vias sociais, para a condução da vida de uma pessoa assume sempre o lugar de um problema central quanto à realização ou ao fracasso do desenvolvimento pleno da personalidade, quanto à superação ou à persistência do estranhamento na própria existência individual. (LUKÁCS, 2010, p.244)

Esta possibilidade de superação subjetiva dos estranhamentos, ou de parte dos estranhamentos, se radica na perspectiva individual que se coloca para além de seus próprios particularismos, na perspectiva de uma personalidade não mais simplesmente particular, mas que se alce ao patamar do reconhecimento de si como indivíduo social que constrói simultaneamente a si e ao gênero.

No conjunto de alienações se constitui a personalidade, como uma substância unitária que, em sua continuidade, forma o caráter pessoal.

Essa dinâmica se passa no que o autor identifica como o campo da cotidianidade, que é caracterizado como o campo mediador entre os complexos da esfera econômica e o da esfera ideológica, o campo efetivo no qual a história individual e social se autogesta.

Trata-se, em suma, do terreno concreto no qual o conflito se instaura, conflito entre o atendimento às particularidades mais imediatas do indivíduo, fragmentado em suas demandas cotidianas e exposto de forma mais contundente à parcialidade das expressões fenomênicas do processo de desenvolvimento social, e a emergência, em dadas condições, da possibilidade de transcendência rumo a uma individualidade não mais meramente particular.

Nesse momento da tematização do autor, ressalta o papel da ideologia, uma vez que a resolução desse conflito passa pela mediação ideológica, como acolhimento, na vida cotidiana, de proposições ideais que se tornam relevantes em alguns momentos históricos, na condução da práxis humana em suas diversas esferas.

Aqui nos reencontramos com a questão do dever-ser tal como esclarecido por Lukács, como momento ideal que direciona o comportamento individual em vista de um valor almejado, que se alcança na relação objetivação-alienação.

A sua compreensão do ser social no capitalismo manipulatório leva-o a perceber no fator ideológico o elemento através do qual se possa gestar uma forma de resistência aos estranhamentos, que se inicia pelo posicionamento individual e que pode ser expandida através de mecanismos de organização coletiva e dirigida contra aspectos envolvidos em formas específicas de estranhamentos.

Segundo Lukács: “A manipulação, por princípio, não é onipotente. Naturalmente, é muito difícil despertar no homem as outras necessidades, aquelas necessidades reais do desenvolvimento da personalidade.” (HOLZ, H.H./ KOFLER, L./ABENDROTH, W. 1969, p. 55)

Afirmando, assim como Marx, a categoria da teleologia como sendo específica e restrita aos indivíduos humanos, a filosofia lukácsiana reserva às decisões individuais e às ações derivadas destas no sentido de sua expressão social, o papel de enfrentamento dos estranhamentos objetivamente fundados nas relações próprias de uma dada forma de sociabilidade. No que se refere à esfera fenomênica das relações interpessoais que se desencadeiam na vida cotidiana, tem-se que os traços individuais dos homens singulares imprimem nuances significativas do ponto de vista moral. A deliberação individual a partir da eleição de um valor frente a outros, torna-se um elemento essencial na reprodução ou transformação de uma substancialidade social. E nesse aspecto, a ideologia se torna um fator relevante na definição dos valores e do dever-ser.

Como reitera o autor em diversas passagens, o momento ideal não leva à supressão da legalidade, mas, ao contrário, toma-a como base e, assim, o conhecimento mais aproximativo possível da realidade é o elemento que dispõe uma maior amplitude para as respostas individuais no sentido de tornar realidade algo que se encontra na forma da possibilidade.

No processo infinito de constituição de uma genericidade para si, tem-se, de acordo com essa relação entre o momento ideal e o momento real, que:

É preciso que sejam tomadas certas decisões alternativas teleológicas pelo próprio homem para que uma dessas possibilidades seja realizada como estágio maximamente adequado do gênero humano. Nesse ponto, só aparentemente a possibilidade objetiva e a necessidade aparecem numa relação antagônica. Porque, em cada estágio do desenvolvimento, os homens só conseguem trazer ao ser aquele genericidade autenticamente humana admitida pelo respectivo estágio dessa possibilidade objetiva. (LUKÁCS, 2013, p. 495-96)

A relação singular-universal é sempre mediada pela categoria da particularidade, que se constitui de elementos múltiplos que incidem de forma determinada sobre a formação das

individualidades. A análise de Lukács se orienta no sentido de enfatizar essa vinculação que tanto diz respeito à possibilidade de constituição de uma genericidade para si, despertada de sua espontaneidade, quanto à possibilidade correlata de desenvolvimento de uma personalidade autêntica, que responda de forma autônoma aos particularismos e casualidades do meio imediato.

É uma perspectiva de transformação social que se apóia substancialmente sobre a capacidade ética dos indivíduos de se incumbirem desse propósito de transcendência de sua existência imediatamente particular em prol de um consciente tornar-se homem do homem. A compreensão da personalidade como categoria social lhe permite articular os momentos singularidade-particularidade-universalidade, de tal forma a identificar na individualidade o universal concreto que porta possibilidades objetivas superiores de ser:

A genericidade para si se exterioriza, num primeiro momento e na maioria das vezes, na vida cotidiana como insatisfação individual com a genericidade em si predominante naquele momento, às vezes como revolta direta contra ela. Portanto, no plano imediato, esse movimento contrário parte dos homens singulares como defesa de sua individualidade, mas a sua intenção fundamental, não importa o quanto ela se torne consciente, está direcionada – em última análise – para as formas da genericidade para si que podem ser alcançadas em cada caso. (LUKÁCS, 2013, p.603-04)

Há nessa passagem um esclarecimento importante que torna menos enigmática a possibilidade de uma transcendência da genericidade em si à genericidade para si: trata-se sempre de alcançar uma determinação configuração genérica possível, objetivamente posta como possibilidade concreta, e jamais como um estado meramente projetado de uma totalidade ou de uma forma suposta de perfeição humana.

Não é pressuposto aqui um estágio final a ser alcançado em termos de genericidade humana, mas tão somente se trabalha a partir do reconhecimento do devir humano como uma realidade que se impõe e, ao se impor, explicita determinados entraves a serem superados para sua mais plena consecução. O processo de construção da genericidade para si se dá através de figurações concretas que correspondem à explicitação mais plena da personalidade como categoria social.

A expectativa de Lukács, em vista das características da vida contemporânea, era a de que as expressões individuais de insatisfação frente aos estranhamentos pudessem vir a receber um sentido coletivo, massivo, organizado, e dessa forma, o fator ideológico reintroduzisse as questões concernentes à gênese de tais estranhamentos e a forma concreta de seu combate:

Basta indicar o fato de como o atual capitalismo manipulado opera fortemente, com sua influência “regulamentada” do mercado de consumo e de serviços, com suas mídias de massa, no sentido de limitar as possibilidades de decisões genuinamente pessoais (propriamente com a ajuda da aparência propagandística em seu desenvolvimento máximo). As revoltas contra isso, que se multiplicam sem parar, por enquanto têm um caráter espontâneo-imediato em sua maioria, mostram que esses efeitos restritivos começam a ser sentidos em massa, como outrora os costumes rígidos, preconceitos feudais, etc. Mas o desenvolvimento determinado pelo crescimento das forças produtivas transforma a ampliação dos âmbitos de possibilidades em um movimento em última análise irresistível, apesar de todas as contradições e impedimentos. (LUKÁCS, 2010, p. 222)

Pensando a atualidade do capitalismo como um momento no qual a manipulação midiática e política cerceia de forma indistinta as possibilidades de uma personalidade autêntica, e compreendendo essa questão como a questão fundamental da vida cotidiana que atinge os indivíduos para além de seus contornos de classe, a proposição de Lukács parece ser a retomada de um processo emancipatório a partir desse mal-estar efetivo que, esclarecido em sua gênese, poderia levar a um movimento de transformação nas condições econômico-sociais concretas. Esse momento do reconhecimento da particularidade, da sua casualidade, e da disponibilidade que tal casualidade dispõe na emergência de uma individualidade autêntica, é apontado por Lukács como primeiro passo rumo à transformação objetiva necessária:

Falta, precisamente, como primeiro passo, o autorreconhecimento da própria situação como particularidade, acima da qual seria preciso começar a se erguer, para que se pudesse avaliar com relativo realismo os problemas de sua superação. Tal crítica e autocrítica da particularidade ainda hoje está ausente quase completamente, e como atitude resoluta baseada apenas na consciência, tampouco poderia opor uma atividade bem objetiva ao mecanismo de manipulação. (LUKÁCS, 2010, p. 303-04)

Depreende-se dessa passagem que o que o autor intenta é uma compreensão crítica do caráter social da particularidade, diante da qual caberia uma atitude ao indivíduo. Compreende ainda essa capacidade crítica como algo que não se coloca espontaneamente na atualidade, de onde se deriva a necessidade do fator ideológico no sentido de atuar na ontologia da vida cotidiana. Por fim, indica a limitação de que tal movimento se encerre simplesmente na consciência individual, configurando uma atitude subjetivista e inoperante frente à realidade.

De toda forma, é evidente que, não negligenciando o fato de que a luta contra os estranhamentos se processa a partir das transformações nas condições objetivas que os gestam, o autor credita um significado ao fator ideológico, sobretudo na atualidade, como mobilizador e potenciador de um movimento individual no sentido do reconhecimento de sua própria particularidade e do anseio por sua superação, que corre o risco de se assemelhar a uma proposição de caráter ético abstrato. Isso explica, em parte, a necessidade das reiteradas remissões que o autor faz de questões a serem melhor trabalhadas quando do tratamento da ética.

Nesse momento, é conveniente nos reportamos à consideração do autor acerca do lugar da arte, como forma de ideologia pura, como vanguarda da generidade humana.

Quando na atividade estética, se alcança uma expressão da generidade para si, observa o autor que seu impacto enquanto proposição modelar só pode se dar na medida em que apreende possibilidades concretas que, ainda que de forma não hegemônica, e “sob pena de ruína”, comparecem na realidade cotidiana. Nesse sentido, longe de exibir um caráter utópico, o lugar da arte no enfrentamento dos estranhamentos está em iluminar essas possibilidades.

É o próprio desenvolvimento histórico-social que se inova em determinados pontos de inflexão. Portanto não é que emerja à realidade algo inédito, mas ‘simplesmente’ que determinadas atitudes, comportamentos, etc, dos homens, que até agora só podiam se realizar como “exceções”, podem agora alcançar uma universalidade social. Também aqui tem lugar um salto, uma inflexão revolucionária; mas tal inflexão “simplesmente” eleva momentos existentes e operantes do ser social dos homens e os põe numa altura até então só dificilmente imaginável. (LUKÁCS, 2008, p.122)

Tal consideração acerca da arte, da filosofia, bem como das personalidades exemplares que atuam no sentido de uma negação do *status* fatalista da realidade social, apontando possibilidades de ser que a rigor se colocam “sob pena de ruína” frente aos imperativos econômico-sociais, foi motivo de críticas que percebem aí um certo utopismo ético, como a que se verifica, por exemplo, em Mészáros.

De acordo com esse autor, Lukács se encontraria, a seu tempo, em meio a uma limitação objetiva do movimento revolucionário em nível mundial, o que o teria levado a uma expectativa hiper-dimensionada da ética:

Como os intermediários políticos – e as garantias instrumentais – estão ausentes, a lacuna entre a imediaticidade das realidades sociopolíticas e o programa geral do

marxismo tem de ser preenchida pela atribuição do papel de mediação à ética, pela afirmação de que ‘a ética é uma ligação intermediária crucial em todo o processo’. Portanto, a ausência de forças mediadoras eficazes é ‘remediada’ por um apelo direto à ‘razão’, à ‘responsabilidade moral’ do homem, ao ‘pathos moral da vida’, à ‘responsabilidade dos intelectuais’, etc, de modo que – por mais paradoxal que pareça – Lukács se encontra, nesse aspecto, na posição do ‘utopismo ético’, apesar de suas repetidas polêmicas contra este, e apesar de sua clara percepção de que as raízes intelectuais do utopismo ético podem ser localizadas na falta de mediações. (MÉSZAROS, 2013, p.65-6)

De fato, Lukács reserva à ética um lugar central na constituição do ser social, que não se encontra, por exemplo, no próprio Marx. Mas tal perspectiva pode ser compreendida se levarmos em consideração a realidade nova do século XX, ao qual Lukács se dirige, compreendendo-o como o momento do capitalismo manipulatório, que submete todos os espaços e tempos sociais, incluindo o lazer, o consumo, o tempo livre, à mesma matriz de manipulação capitalista. De um capitalismo que se distingue do vivenciado por Marx cuja tônica era ainda a da subsunção formal do trabalho ao capital, e em que a luta de classes mais nitidamente se dava de forma direta contra a exploração do capital sobre o trabalho. Como observa Lukács,

Indubitavelmente, a luta de classes do proletariado do século XIX de modo algum estava diretamente voltada para a destruição do estranhamento, Com efeito, o seu conteúdo genericamente predominante resultou espontaneamente das questões candentes do momento, de aumentos de salários (ou então do impedimento de reduções de salário), de reduções da jornada de trabalho (ou então da luta contra o seu aumento), mas visto que estas questões constituíram a base material para os estranhamentos operantes naquela época, foi inevitável que também a luta de classes travada em prol de exigências econômicas imediatas do momento contivesse, de modo objetivo e ininterrupto, elementos de uma luta contra os estranhamentos. (LUKÁCS, 2013, p.799)

A partir da subsunção real do trabalho ao capital, da crescente diminuição do trabalho socialmente necessário e conseqüente diminuição do valor dos produtos, o capital avança sobre o tempo livre, através da manipulação do consumo, da indústria do entretenimento e da manipulação política, o que torna o quadro da luta de classes menos definido e perpassado por outras lutas mais pontuais e específicas. Nesse espectro de dispersão manipulada, a preocupação com a capacidade de resistência individual na leitura do mundo e na possibilidade de sua transformação é reposta

com toda a ênfase por Lukács. Frise-se, não aos moldes de uma crítica cultural que abstrai a interdependência entre as instâncias sociais e se fixa na identificação e denúncia do caráter prosaico com o qual se dá a reprodução de um dado modo de sociabilidade, tendo-o, no entanto, como um dado; mas sim aos moldes de uma análise ontológica que, distinguindo entre fenômeno e essência, pretende captar o processo simultâneo do desenvolvimento das faculdades humanas na forma de sua degradação e estranhamento.

A ênfase dada pelo autor ao fator subjetivo, ao momento ideal, suscitou, segundo Tertulian (2010, p.396), a crítica de seus ex-alunos, integrantes da Escola de Budapeste, de uma dupla ontologia presente na obra madura do autor, uma ontologia da necessidade e uma ontologia da emancipação humana, que seriam contraditórias entre si, na medida em que a primeira pretenderia uma leitura da legalidade objetiva da vida social, enquanto a segunda seria marcada por uma motivação ética.

Tal crítica não atenta ao esforço lukácsiano que busca exatamente pensar a relação ontológica (e não meramente lógica) entre legalidade e teleologia, entre o momento real e o momento ideal. Evidentemente, reconhecer essa relação, afirmar a relativa autonomia dos complexos, não elimina a dificuldade em pesar a sua significação a cada momento, identificar os seus pesos relativos. Nesse sentido, o que encontramos em Lukács é um entendimento de que, no capitalismo atual, a dimensão ética pode vir a se apresentar como um fator inaugural de numa nova disposição entre os complexos da vida social, como se pode verificar na seguinte formulação:

A pessoa que, mediante decisões individuais, quiser romper o seu próprio estranhamento precisa, a fim de conseguir realizar subjetivamente essa ruptura, possuir uma perspectiva, em última análise – todavia em última análise – de cunho social, orientada, ainda que tragicamente, para algum modo fenomênico da generidade para si; unicamente tal perspectiva lhe permitirá alçar-se interiormente de modo efetivo acima da sua própria particularidade impregnada de estranhamentos, enredada em estranhamentos. (LUKÁCS, 2013, p.767)

Há, evidentemente, uma proposição ética que é enfatizada pelo autor. Não por acaso, ele se refere às personalidades exemplares como aquelas que agem “tragicamente”, ou seja, no enfrentamento de limitações objetivas que exigem uma postura ética para além da normatização moral vigente. A perspectiva de cunho social colocaria o indivíduo “sob pena de ruína”, pelo menos imediatamente. Mas, por outro lado, pode vir a se constituir como uma possibilidade forte em um dado contexto histórico-social.

O enfrentamento dessa questão decisiva na perspectiva do autor, qual seja, a transcendência individual da moral à ética, é visto na contemporaneidade como um elemento não só possível, mas passível de se tornar um elemento determinante na transformação social, na medida em que se torne uma força massiva que coloque uma nova constelação entre as categorias da necessidade e da possibilidade.

Nesses termos, o autor pensa, não apenas nas possibilidades operantes ou latentes no ser social da atualidade, mas em possibilidades outras, não simplesmente dadas, mas criadas a partir de um patamar de exigência: “Uma preparação autêntica de vida, portanto, não é outra coisa senão a ampliação e o aprofundamento do próprio âmbito de possibilidades em tais tipos de reação.” (LUKÁCS, 2010, p.225)

Dessa forma, a atuação da ideologia como diretriz de comportamentos que transcendam a mera particularidade, pode ser, a princípio, inusitada, mas pode vir a formar um novo patamar de relações e introduzir novos processos de individuação.

Se o autor reconhece na grande filosofia, na grande arte e nas personalidades exemplares, a contrastação com a vulgaridade da vida cotidiana, constrastação essa que acordaria os indivíduos de seu torpor, tal reconhecimento não significa um utopismo na medida em que, ainda que exercitado em dimensão insuficiente, o elemento que leva à comoção está presente objetivamente como possibilidade histórica.

Há sempre o reconhecimento da precedência da vida cotidiana em relação às suas expressões ideológicas:

Se tal obra de arte, se tal filosofia realmente nada fossem além de produtos de uma assim chamada personalidade ‘genial’, elas não poderiam se objetivar de um modo que passa a servir de modelo, assim como seria impossível o fato de uma situação objetivamente revolucionária desencadear num caso dado um fator subjetivo ativo sem ser precedido por um período relativamente longo, por uma massa relativamente grande de decisões singulares tomadas por homens singulares em sua vida cotidiana. Por mais intrincada e sem rumo que muitas vezes pareça ser essa vida cotidiana, é só nela que as corporificações fáticas e ideológicas podem maturar gradativamente até chegar à socialidade. (LUKÁCS, 2013, p.604-05)

Cabe à arte “tão somente” apresentar essa possibilidade latente na vida cotidiana, e confrontá-la com o prosaísmo da vida ordinária. Daí a afirmação do caráter não utópico da arte.

A partir desse conjunto de referências à questão, podemos dizer que o empenho de Lukács se concentra em elucidar o papel do momento ideal, da ideologia e da práxis individual na sua relação com a objetividade, de forma a se diferenciar tanto de uma leitura objetivista, própria do marxismo vulgar, quanto das leituras filosóficas assentadas sobre o indivíduo abstraído ou contraposto à forma da sociabilidade.

Intenta demonstrar, ademais, a especificidade do momento atual do capitalismo, ressaltando a significância que o fator subjetivo pode ter nesse momento, tendo-se em vista as diferenças em relação ao momento sobre o qual Marx faz sua reflexão.

A esse respeito, observa Lukács:

Quanto mais a exploração capitalista deixa para trás – pelo menos num estágio mais desenvolvido – a forma original direta de exploração (prolongamento da jornada de trabalho, achatamento dos salários), transformando a subsunção formal do trabalho sob o capital numa subsunção real, tanto mais fortemente desaparece da práxis do movimento de trabalhadores a coincidência imediata entre luta contra a própria exploração e luta contra as conseqüências do estranhamento para os homens. A mudança categorial na exploração separa de maneira nítida os dois momentos. A luta evidentemente ainda necessária contra o estranhamento recebe, devida à mudança econômica, um caráter sobretudo ideológico. (LUKÁCS, 2010, p.307)

As novas condições objetivas que decorreram tanto da primazia da exploração da mais-valia relativa sobre a absoluta, quanto das conquistas trabalhistas e da configuração política européia do século XX deslocaram do foco de luta a questão da exploração direta dos trabalhadores, questão ainda mais obscurecida por mecanismos culturais centrados sobre a satisfação individual através do consumo e do lazer. Dá-se um afastamento do foco da questão e uma irradiação de seus efeitos para as esferas da vida cotidiana, agora percebidos ou ao menos perceptíveis em certos aspectos de maneira indistinta por todos os indivíduos.

Diante desse quadro, resta o pessimismo frente a uma sociedade administrada no sentido de reproduzir-se tal como se encontra, ou a afirmação de uma capacidade de resistência que se constitui a partir das individualidades frente a esse estado de coisas.

Afirmar essa capacidade, sem recair no mero utopismo ético, é o ponto culminante de sua *Ontologia do ser social*.

O ponto de partida de um movimento de resistência estaria na perspectiva de retomada de uma vida autêntica, de uma capacidade de personalização em relação à massificação imposta pela lógica societária.

Na medida em que tais estranhamentos se traduzem em uma forma de insatisfação que ultrapassa os contornos das classes sociais e atingem os indivíduos em sua totalidade, dirá Lukács:

Além disso, trata-se verdadeiramente de um processo que não tem mais como único ponto de referencia a classe operária; sob este aspecto, ou seja, quanto à mais-valia relativa e à manipulação, mesmo a camada intelectual e toda a burguesia estão igualmente sujeitas ao capitalismo e às suas manipulações, não menos do que a classe operária. Trata-se por isso de despertar a verdadeira autonomia da personalidade, e para isso o desenvolvimento econômico realizado até o presente momento criou as condições necessárias. (HOLZ, H.H./ KOFLER, L./ABENDROTH, W., 1969, p.55-6)

Daí se compreende o peso que o autor concede às esferas ideológicas no interior do complexo social, na medida em que, diferentemente do momento marxiano no qual a luta de classes se apresentava de forma mais límpida em torno das questões mais diretamente ligadas à esfera da produção, temos na contemporaneidade um obscurecimento dessas questões e o deslocamento da identificação da causa primeira dos estranhamentos à vivência extensiva de seus sintomas. Nesse sentido, as esferas ideológicas como a arte e a filosofia são convocadas a contrastar o existente com uma possibilidade mais plena de exercício da personalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOLZ, H. H./ KOFLER, L./ ABENDROTH, W. **Conversando com Lukács.** (tradução de Giseh Vianna Konder) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

LUKÁCS, Györg. **Estética: La peculiaridad de lo estético.** v. 2. (tradução de Manuel Sacristán). Barcelona/México: Grijalbo, 1972.

LUKÁCS, Györg. **Pensamento vivido: autobiografia em diálogo.** (tradução de Cristina Alberta Franco) São Paulo: AdHominem/editora UFV, 1999.

LUKÁCS, Györg. O Processo de democratização. In COUTINHO, C.N./ NETTO, J.P. (org./). **Socialismo e democratização: escritos políticos 1956-1971.** (tradução de Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto) Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2008.

LUKÁCS, Györg. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social.** (tradução de Lya Luft e Rodnei Nascimento) São Paulo: Boitempo, 2010.

LUKÁCS, Györg. **Para uma ontologia do ser social.** v. I. (tradução de Carlos Nelson Coutinho, Mário Duayer e Nélio Schneider) São Paulo: Boitempo, 2012.

LUKÁCS, Györg. **Para uma ontologia do ser social.** v. II. (tradução de Nélio Schneider, Ivo Tonet e Ronaldo Vielmi Fortes) São Paulo: Boitempo, 2013.

MÉSZAROS, Istvan. **O conceito de dialética em Lukács.** (tradução de Rogério Bettoni) São Paulo: Boitempo, 2013.

TERTULIAN, Nicolas. Posfácio. In LUKÁCS, Györg. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social.** (tradução de Lya Luft e Rodnei Nascimento) São Paulo: Boitempo, 2010.